



GÊNERO: “MÃE DO CORPO” DOENÇA QUE ATINGE AS MULHERES INDÍGENAS BARÉ NO ALTO RIO NEGRO

Liliane Lizardo¹

Resumo

Esse artigo discute a relação entre saúde, corpo e doença, em especial a “mãe do corpo” que atinge as mulheres na região do Alto Rio Negro, que inclui sintomas e cura dessa doença no sistema cosmológico Baré.

Palavras – chave: gênero; questão social; mãe do corpo.

Abstract

This article debates the relation between health, body and illness specially the “mãe do corpo” (mother of the body) which affects the women in the region. It includes symptoms and cure of this disease in the Baré cosmological system.

Keywords: gender; social issues; “mother of the body”.



1- Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas PPGAS/UFAM. E-mail: lilianebare@hotmail.com



1. Apontamentos iniciais

Os Baré fazem parte da família linguística Aruak. A população aproximada dos Baré é de 10.623 indivíduos (SIASI/SESAI, 2012), fora os que estão na Venezuela que são 2.815 (INE, 2001) (ISA, 2015). No entanto, as mulheres indígenas da região do Alto Rio Negro são afetadas pela doença conhecida como “mãe do corpo” ou “*Madri*” na língua indígena Yêgatu. Quem efetua as sessões de cura são benzedoras e parteiras. Uma delas é a Eunice Baré, que aprendeu a “ajeitar” a *Madri* (mãe do corpo) e a fazer parto, com sua irmã mais velha, cujo nome é Maria, que já faleceu. Segundo ela, desde o princípio do mundo já existia essas doenças que atingem as mulheres.

Eunice começou a trabalhar em 1979 na comunidade indígena *Taçira*, Ponta na Escola Imaculada Conceição, sendo moradora do sítio Paraúá. Trabalhou na escola até 1991, mas ao mesmo tempo, dedicou-se aos trabalhos da roça, e como seu pai e sua mãe adoeceram, teve que desistir do trabalho da escola para cuidar deles ficando apenas na roça, como disse ela “levando a vida”. Em seguida, começou a trabalhar com o pessoal da saúde, viajando Alto e Baixo Rio Negro, sendo que antes de trabalhar viajando, a mesma sabia ajeitar mãe do corpo, já estava preparada para curar. Durante 12 anos, Eunice se dedicava-se ao trabalho de roça e da escola na comunidade.

A outra benzedora é a Virgínea Salgado, que residiu no sítio até os seus 10 anos de idade, depois foi para a sede do município estudar no Colégio Dom Bosco, sendo que na época das férias retornou ao sítio e sua mãe sofreu um acidente. Nessa mesma época ficou menstruada pela primeira vez e começou a aprender a benzer com seu avô paterno com 14 anos. Com 22 anos casou com um morador da região e adotou uma menina. Sua especialidade de benzimento é em “*Madri*”, doença que atinge grande maioria das mulheres tanto Baré como das demais etnias. A *Madri* para as benzedoras é o útero da mulher, pois é essa a área mais afetada quando se está com dor de *Madri*.

O avô de Virgínea rezou, fez o ritual da *cuyãmuku*, oferecendo seu conhecimento a ela, pois estava querendo transmitir por já estar velho e tinha que ter alguém para seguir em frente. Como ele era sozinho e tinha dois filhos, incluindo o pai de Virgínea, e isso deveria ser transmitido para uma mulher e na época só havia ela de *cuyãmuku* com apenas 14 anos. Ele a escolhe e avisou que era para ela curar sem pedir nada em troca. O motivo de ela ter aceitado essa transmissão foi pelo fato de, desde muito nova, ouvir queixas de dores de madre (mãe do corpo) de sua mãe e tias. Ela aprendeu, mas não praticava. Quando suas irmãs começaram a ter filhos foi que ela começou a colocar em prática seus conhecimentos com 16 anos. Acrescenta que não adianta pagar para ter a oração, porque nem sempre dá certo.

A transmissão foi feita com aulas no período de férias. Isso acontecia toda primeira sexta-feira do mês às 18 horas durante um ano, quando o tempo estivesse sem chuva.

Caso chovesse, deixava para primeira segunda-feira de cada mês, porque dia de segunda-feira é dia das almas, sendo inválido outro dia da semana. Se for uma quarta-feira, por exemplo, a pessoa pode até aprender, mas não terá eficácia. Além do mais, se estivesse menstruada ou um pouco doente, ele não passava a Virgínea. Então iam somente os dois, ela e seu avô no final da tarde em uma pedra que ficava no sítio dele, São Felipe, sendo que o senhor pediu para ninguém os seguir, pois o mesmo teria uma conversa em particular com ela. Foi quando ele passou a oração à ela, ensinando vários tipos de chá para serem dados depois que ajeitasse o útero da mulher, conforme fosse o tipo da doença ou mãe do corpo, para as causas naturais das doenças.

A situação de Virgínea se compara quanto à demora com o da formação de *Kamanga*, que é um Azande, de acordo com Evans – Pritchard (2005). Ele conta que ele aprendia sobre uma droga hoje, e a outra, somente após um mês ou dois meses, e o que ensinava chamava *Badobo*; e conseguia pagamento por todo conhecimento transmitido. Ele fazia com que esse repasse demorasse mais, a transmissão pode demorar anos até que acabe todo o conhecimento referente a ervas e árvores.

Além de ensinar os conhecimentos referentes a plantas, orações, há também a importância dos conselhos adquiridos durante a transmissão. Segundo ela, muitos rezadores perdem a força porque deixam a ambição “subir a cabeça” e então passam a dizer que antes dava certo e que agora não tem efeito. Após todo o ensinamento teórico é a vez da prática, na qual o avô dela a acompanhou em três sessões de cura.

Eunice Salgado aprendeu em 1982, nessa época ela tinha uns 25 anos, quando seu tio Cesário disse: “tu que vive sozinha, tu reza essa oração bem curtinho”, isso foi no seu quarto. Eunice não esqueceu mais, pois foi uma única vez e eram apenas quatro palavras, não sendo pago nada pra ter a oração pra mãe do corpo. Logo em um parto de seu sobrinho, sua irmã lhe chamou e lhe ensinou a prática. Note-se que, em alguns casos, há rituais.

Percebe-se que os benzedores Baré herdaram as orações de parentes próximos, como pais e tios avós, o que apresenta ser transmitido de geração pra geração. Por outro lado, infelizmente, não aprenderam tudo para continuar pelo fato de serem muito jovens no tempo da transmissão, adquirindo uma porcentagem muito pequena para a geração dos Baré na contemporaneidade. Muito do conhecimento sumiu com a morte dos que sabiam realmente de muito mais coisas, como meu avô e bisavô que foram grandes benzedores e que não repassaram suas orações pra ninguém.

Porém, a disponibilidade de ir até a casa do doente ou o doente ir até a casa do benzedor varia muito de benzedor para benzedor, a doença mãe do corpo faz com que não haja possibilidade do doente se locomover.

2. O sonho

Antes dos benzedores dormirem, eles pedem proteção, conforme o santo ou a oração que é feita, e no sonho é mostrado. Assim, o benzedor interpreta o sonho, ou seja, o que o sonho mostra. Quando o doente está muito ruim, o sonho já mostra, mostra o que a pessoa está passando, o benzedor vê a pessoa agoniada. Em alguns casos o benzedor sonha com o doente, antes mesmo de ele ter ficado doente. O benzedor vê a pessoa no sonho dançando, dois ou três dias antes de adoecer. No caso da mãe do corpo, a benzedeira presta muita atenção onde está situada a mão do doente no sonho, ou seja, em que parte do corpo, por exemplo, se a mão estiver na barriga é necessário verificar em qual local da barriga a mão se encontra. Isso é muito importante porque faz com que o benzedor saiba onde está a causa, que pode ser onde a dor esteja maior. Assim, facilita na hora de cura, porque o benzedor já sabe o que vai acontecer.

No caso da benzedeira Virgínea, quando ela benze, solicita a Deus para que lhe mostre através do sonho se o doente está piorando ou melhorando. O que ocorre inversamente, se ela vê a pessoa dançando em uma festa, alegre, isso significa que algo de ruim irá acontecer com a pessoa que apareceu no seu sonho. Mas se aparecer à pessoa chorando, passando mal, significa que a pessoa terá prosperidade muito grande. Sendo assim, um auxílio de suma importância, até mesmo no caso de mulheres que estejam grávidas, como diz Virginia Salgado que quando a mulher vai ficar doente do útero, a benzedeira já vê a pessoa em seu sonho sangrando ou vê a mulher segurando uma criança que quer dizer que ela está grávida; então quando a benzedeira for mexer no útero ira ver que a mulher realmente está grávida. Através do sonho se sabe se a pessoa está grávida, se perdeu ou irá perder a criança, então a benzedeira chega ao local e com a oração ajuda a mulher doente, ou se a mulher perdeu a criança, ajuda a colocar o útero no lugar.

O sonho não avisa somente antes de a doença afetar o doente, mas também após o doente ser benzido, avisando para o benzedor o estado que o doente se encontra após o benzimento. Sendo assim, um auxiliar indispensável que serve antes, durante e após o benzimento. O sonho com temporal, sonhos “feios”, ajuda o benzedor saber que o doente vai procurá-lo, isso significa que o doente irá chegar. Quando o doente está muito debilitado, o mesmo aparece no sonho bonito e, se está melhor, é visto no sonho muito mal. Com isso, percebe-se que são inversas as aparências do doente no sonho. No entanto, o sonho também faz com que o benzedor saiba qual é a doença, se é “Mãe do corpo” estrago ou doenças de encantados.

A oração de Virgínea Salgado tem algumas partes que são em Yëgatu, pois seu avô paterno deixou dessa forma para ela, metade é em Yëgatu e metade é em português. A transmissão antigamente era mais freqüente. Porém, na atualidade, os benzedores estão à procura de alguém que aceite a transmissão de oração, mas que esteja

disposto ajudar o outro e não deixar o benzimento parado. Os benzedores procuram a pessoa certa para passar, pois aquele que for receber oração deve ter força para guardar a oração, se não, acaba passando mal, como no caso da benzedeira que ajeita a mãe do corpo, pois ela reza, ajeita, puxa pra um lado e outro a parte abdominal da pessoa. Ela deve estar com muita energia e força para alcançar a cura no doente, e quando o benzedor está sem forças, ou seja, muito velinho, deve passar para outra pessoa a oração, pois não tem força espiritualmente.

3. “Corpo e doença”

A benzedeira cura a doente através do corpo e o espírito, porque o espírito está dentro do corpo, se o corpo se cura, logo o espírito também, porque se a pessoa melhorou é porque o espírito está forte. O benzimento para os Baré serve como preparação de ritual antes, durante e depois, é proteção de defesa. Como o exemplo do ritual de passagem da menina moça, ou seja, a primeira menstruação, que nessa fase é muito importante através do benzimento para prevenir doenças que possam aparecer no futuro. Porém, se não seguir esse resguardo e não tiver benzimento, mais na frente à mulher começa a ficar doente, começa a aparecer dor de cabeça, sendo consequência porque não resguardou. Não é permitido comer certos alimentos porque a menstruação vem mais intensa, pode até dar hemorragia, sendo proibido estar exposta ao sol e chuva durante esse período menstrual.

Por exemplo, se a moça menstruou hoje, não pode mais sair de casa, as mães falam assim “*indé kuyāmuku, resu repita ne canto upe*”, ou seja, “você já é moçinha, você vai ficar no seu cantinho”, vai ficar fazendo jejum, só tomando *caribé* que a velinha leva durante cinco dias, sem ver ninguém. Nos primeiros dias a moça apenas troca de roupa, sendo proibido banho, somente após seis dias. Assim defuma-se com *carayã*² para os bichos encantados, como boto que habita as águas e se transforma em gente para encantar as mulheres menstruadas e assim causar-lhes doenças; a cobra que habita as águas e mata, que também são encantadores e são atraídos por mulheres que estão em seu ciclo menstrual, que estão fragilizadas a ser vítimas desses seres. Por esse motivo tudo é benzido, se benze o *caribé*, a pimenta, não pode tomar e comer nada sem benzimento. Quem não tem benzimento pode passar alho, dizem que os seres encantados apresentam medo de alho que devem ser passado nos pés e nas mãos.

Quando a mulher fica menstruada pela primeira vez, se não tiver benzimento e não seguir o resguardo, às vezes não acontece nada na hora, porém, mais tarde vem a complicação. Ela pode ficar doente, emagrecer e isso chamamos de *kariamã*, porque para nossos avôs antigos é se isolar durante quase uma semana sem comer nada, só água e *caribé*. Enquanto não for benzida, não pode comer nada e nem sair de casa.

2 Pedra que serve para defumação.

Depois que a mulher passa a ter marido, ter filhos, algumas complicações aparecem e então começa a dizer ‘dói aqui’, surge mioma, e isso chamamos de *majuba*, e tudo isso vem lá da primeira menstruação, por isso a importância do benzimento. Na primeira menstruação não pode comer peixe grande como o tucunaré ou piraíba por ser reimoso, pois pode complicar para a mulher ou para quem ganhou a criança, podendo se alimentar somente de peixe, cará e jacundá.

O benzimento, como diz os ‘brancos’, é só para nós indígenas, porque desde que nascemos devemos ser benzidos, inclusive os alimentos para podermos comer, como o peixe, para não dar diarreia. A mulher, depois do parto, também deve ser benzida com o benzimento específico. Como diz Langdon (2003, pg.100) “A relação corpo cultura vai bem além da questão de sofrimento físico”. Além disso, há uma dimensão particularmente importante, apontada por Viveiros de Castro (2002, pg. 390) relacionando essas dimensões à possibilidade, sempre iminente, do corpo ser atacado por uma doença capaz de afetá-lo de um modo que pode mudá-lo. Wawzyniak (2008) diz que um corpo humano não se autorregula, não se desenvolve independente das múltiplas intervenções realizadas sobre ele, ao longo da vida das pessoas. De forma análoga aos espaços e seres, o corpo humano também é regulado por uma mãe: a “mãe do corpo”.

Para saber sobre o corpo, deve-se saber sobre a “mãe do corpo”. Disse-me Virgínea que mãe do corpo é o útero da mulher. Embora o corpo de homens e mulheres tenha uma mãe, ela aparece mais em mulheres, por ter relação com a saúde reprodutiva. A mãe do corpo vive no útero da mulher, aparece causando dor, principalmente, quando a mulher não se alimenta direito, então as veias se espalham e somente a benzedeira deve “puxar, ajeitar e colocar no lugar”, somente assim haverá a cura. Quando a dor está muito avançada, causa febre, como veremos adiante.

Durante a menstruação a mulher oferece e se expõe a perigo, por causa de sua condição. Na região do Alto Rio Negro, a menina quando passa a menstruar pela primeira vez, deve permanecer na sua casa, sem sair para lugar algum, e sem ninguém a vendo. Somente pode ser vista pela sua avó, ou na ausência dela, sua mãe leva mingau benzido durante sete dias e somente após esses dias, ela toma banho, porque não pode descer ao rio por causa do boto que pode engravidá-la ou causar doença. Após esses dias ela lambe pimenta e toma mingau de farinha ou de beiju.

A partir da segunda menstruação ela não tem todo esse ritual. Porém, não pode ir ao rio buscar água, lavar roupa, tomar banho, pois está sujeita ao ataque do boto. Se alguém estiver com ela, ou vier atrás, pode pegar a “surra” do boto que causa dor, dentro do corpo, na cabeça, pés ou mãos. Se precisar viajar no período menstrual deve esfregar alho nas mãos ou nos pés para afastá-los.

Quando estiver no ciclo menstrual considera que ela está “doente da barriga”, fazendo com que nesse período ela siga umas restrições, tais como: pegar instru-

mentos de caça e pesca, se pegar vai deixar o homem *panema* (com azar, sem sorte), não pode comer peixe reimoso; não tomar açai; não carregar peso; jogar bola e ficar andando em lugares onde os encantados possam estar, pois eles sentem o cheiro do sangue menstrual.

Lasmar (2005) conta que a mulher menstruada é alvo fácil para os *wa'i masã*, ou gente-peixe que, por inveja da fertilidade dos humanos, costuma fazer-lhes mal, enviando doenças. Por isso, no período menstrual, a moça é submetida a um conjunto de ritos protetores. Sendo mantida reclusa no interior de um cercado feito de pari e deve obedecer a uma série de restrições alimentares, que serão gradativamente suspensas à medida que os alimentos forem benzidos para o consumo. A reclusão pode durar até duas semanas e, nesse período, a moça aprende sobre uma variedade de assuntos concernentes a sua futura vida de mulher adulta e casada. Os ensinamentos são passados, preferencialmente, por sua avó ou por outra parenta mais velha, na falta destas, por seus próprios pais.

A mulher que ganhou bebê também deve seguir um resguardo e dietas alimentares como a mulher menstruada. Os cuidados corporais têm início durante a gestação com massagens que a parteira faz para saber como a criança está. A criança se cria de cabeça pra cima e pé pra baixo e, nesse caso, a parteira então certifica a posição que a criança deve estar quando está para nascer.

A formação da nova pessoa interfere o consumo dos alimentos prescritos ou restritos, “O esforço físico realizado pela mulher durante a gravidez e os cuidados que ela tem com o seu corpo, tudo isso influencia o bebê que está no ventre da mãe”. (Wawzyniak, 2008, pg. 112) Depois do nascimento é preciso submetê-lo a um processo de humanização, o que é feito através de um conjunto de técnicas corporais.

A abstenção de determinados alimentos e um período de reclusão possibilitam o fortalecimento do corpo, e evita-se o risco de contaminação por substâncias potencialmente causadoras de doenças (Viveiros de Castro, 2002). Quando o bebê ainda é de colo requer precauções devido a sua fragilidade, a fim de evitar o quebrante e mau-olhado.

Os pais dessa criança também devem seguir restrições com a criança, tais como: exposição a olhares alheios; serenos; sustos. A mãe deve seguir restrições alimentares, como, não comer comida reimosa como peixe liso, pois pode causar infecção através do leite materno e, se descumprir essas regras, pode causar doenças, especialmente na criança. São aconselhados a não comer a comida reimosa em qualquer situação no qual o corpo da pessoa fique exposto, aberto, por doenças, feridas, cirurgia, parto ou menstruação. Ingerindo o alimento reimoso faz com que a doença que está dentro do corpo escondida apareça.

O chá benzido é muito utilizado para que o doente vá ingerindo e alcançando a cura interna. Outro método utilizado é o *chicantá* que é benzido e utilizado para de-

fumação, inclusive, muito eficaz para curar doenças. Todos esses remédios são utilizados conforme a causa da doença, conforme Galvão (1955, pg. 162) “acredita-se que um objeto maligno introduzido no corpo da vítima é a causa da doença. Defumação, massagens e sucção constituem os métodos de curas pelos pajés”.

Adoecer para os Baré é quando surge algo dentro ou fora do corpo incomodando, o doente vai ao médico e nos exames laboratoriais não amostra nenhuma anormalidade. No entanto quando procura um benzedor, logo é diagnosticado com alguma doença, seja ela doença dos ‘branco’ ou uma doença que só pode ser curada por benzedor ou remédio caseiro. Quando o Baré adoece deve se cuidar descansando, não podendo deixar a doença dominar o corpo e o espírito, porque se o doente não se alimentar, não ficará saudável novamente.

As enfermidades curadas pelas benzedoras se configuram como perturbações que atingem não apenas o corpo, a esfera física, mas estão relacionadas a questões sociais, psicológicas e/ou espirituais que afetam o cotidiano. Enquanto a Medicina científica se concentra nos aspectos biológicos do processo saúde-doença, o benzimento ocupa-se de perturbações que desequilibram a vida das pessoas e que podem ser causadas por diversas coisas, aproximando-se mais da forma subjetiva como as pessoas vivenciam o processo saúde-doença. Além disso, a eficácia do benzimento está estreitamente relacionada ao modo como as pessoas percebem a saúde e a doença. Os elementos utilizados são diversos, tais como: vela, tesoura, ervas, água, ramos, fitas, santos e tabaco.

Na cultura Baré, corpo e espírito não se separam muito menos se desligam o homem do cosmos, ou a vida da religião. Para todas as doenças que atingem o corpo e a alma do Baré, sempre há uma reza para curar. É por isso que, apesar do tempo e dos avanços da medicina, a tradição dos benzedores ainda prevalece na cultura Baré. Acreditando ou não no poder da reza, tem sempre aqueles que procuram, nas rezas e nos benzimentos, uma cura para a sua doença ou um alívio para a sua dor.

4. “Yamukaturu Madri” - Curando Mãe do corpo

A mãe do corpo é o terror das mulheres indígenas da região do Alto Rio Negro, pois muitas sofrem com essa doença que atinge principalmente mulheres que já tiveram filhos. Quando é afetada com a dor, chama a benzedora para *Yamukaturu Madri*, ou seja, para curar a mãe do corpo na mulher. As benzedoras de mãe do corpo são parteiras na região como Eunice, assim afirma Galvão (1975, pg. 122) “parteiras, especialmente dotadas, são mais conhecidas como rezadeiras ou benzedoras, e utilizam desse conhecimento nos partos como na cura de muitos tipos de doença”.

A mãe do corpo é o útero da mulher, então quando ele se espalha causa dor, pois ele deve ficar unido. Quando a mulher tem filho e não se cuida, ou não se alimenta direito, o útero se espalha e forma gases. Como afirma a benzedora Virgínia Baré

que para os “brancos” mãe do corpo é inflamação no útero, “surge quando a mulher não se alimenta direito, possibilitando a entrada de gases no útero, e não tem como sair e se torna “mãe do corpo”. Ocorre também quando a mulher que teve bebê não se resguardou direito, então é como se o útero estivesse o tempo todo aberto, fica inflamado, pode inchar, *madre* é o útero da mulher”. A palavra em nhengatu “*madri*” significa *Tainá riru*, mãe de filho, e *Tainá mayã*, que se juntou e tornou-se *madre*.

São três os tipos de mãe do corpo. Tem a mãe do corpo que sobe para o estômago, quando a doente diz ‘minha madre subiu’; quando desce, ou seja, a doente diz que a madre desceu e que em alguns casos faz com que o útero da mulher chegue a sair; e o terceiro tipo é o pior de todos, quando encosta-se à coluna, que segundo as benzedeadas, é a mais perigosa. Porém, para a benzedeira atender em um desses três casos há regras que elas devem seguir como: estar higienizada, não pode ir curar sentindo raiva, não pode manter relação sexual antes do benzimento, não estar menstruada, pois se for realizar o benzimento com uma dessas características, ao invés de alcançar a cura, a situação de saúde da mulher piora.

No caso da oração feita com chá a base de ervas medicinais, tem relação importante com *Tupã* entre os Baré, isso faz lembrar Montardo (2002) ao fazer uma análise histórica antropológica com relação aos guarani que “fazem a tradução de tupã por Jesus Cristo” (pg. 29). Dependendo da situação naquele momento da mulher, a benzedeira prepara o remédio caseiro “morta parida” para tomar durante uma semana pela parte da manhã e informa que ela deve ficar de resguardo. Logo após a sessão de cura a mulher não pode ir pegar água ou ir pegar fogo.

Se a benzedeira concorda em exercer seus poderes profissionais, começa por se comportar segundo certas regras, caso contrário, seu cliente se afasta. Deve observar jejum, ficar sem beber ou tomar banho; o pouco que come deve ser seco, e, em hipótese alguma, pode entrar em contato com a água (FRAZER, 1982, pg. 120).

Seguidas as regras, a benzedeira pergunta para a doente o que ela fez antes de aparecer à dor, onde andou, se estava menstruada, onde tomou banho. Todas essas informações auxiliam a benzedeira no momento que está “ajeitando” a madre. Com base nos fatos relatados e no que sentiu, a benzedeira diz o motivo, a causa daquela dor, se foi por causa de um susto.

As benzedeadas de mãe do corpo sabem quando se trata dessa doença apenas tocando a área afetada, quando esta massageando o útero da doente, sendo uma técnica especialista delas. Há casos que não é mãe do corpo, e logo as benzedeadas informam a mulher que pode ser outra doença. Ao pegar por cima, onde se localiza o útero, ela sente o estado em que ele se encontra. Se o útero da doente estiver pulando, pulsando, o caso é de susto. Quando é raiva ou quando foi tomar banho menstruada, por meio da pulsação, a benzedeira sabe o que aconteceu de fato e o que mexeu com o útero da mulher, se foi mesmo susto, raiva ou teimosia, tudo isso é analisado

conforma a pulsação: “Ele meche tipo bicho, tipo abrir e fechar nossa mão sabe, tava assim” (Virginia Salgado).

Conforme for ajeitando é dado um chá, dando uma pausa, ajeita novamente até retornar ao seu lugar, porque o útero da mulher cresce e fica parecendo como se estivesse grávida e a benzedeira sente o útero da mulher, sente umas bolas presentes no local. Galvão (1975, pg. 122) diz que: “o tratamento desses pequenos males é feito pelas benzedeiros que de pé, recitam largo tempo a reza apropriada, acompanhando a oração com repetidos sinais da cruz sobre a parte afetada do corpo do paciente para que sejam realmente eficientes”.

Esse ritual de cura, como a oração, demora em média uma hora. Conforme a benzedeira vai ajeitando, ela vai fazendo a oração, ajeita, para um pouco, dá o chá e depois continua, até terminar a oração. Depois que termina de ajeitar, deixa a mulher deitar uns 20 minutos. A mulher não pode se mexer ou sentar, é exatamente um resguardo. Segundo Galvão (1955, pg. 119): “Seguem-se as beberagens, banhos ou defumações. O tratamento obriga a um período de resguardo”.

A idade também influencia de acordo com a faixa etária das mulheres atacadas pela mãe do corpo, como acima de 30 anos. Quando a mulher é jovem e não sente nada, quando chega à idade começa a sentir, porque o útero não é mais como quando era mais jovem, pois quando somos jovens podemos passar fome e com uma idade mais avançada.

A benzedeira sente que é mãe do corpo porque dá choque nos dedos da benzedeira quando está ajeitando. A barriga da mulher fica vazia e isso causa dor e pode se ajeitar com óleo, se não tiver, pode ser com Vick Vaporub que é usado para massagear o local afetado. A benzedeira ajeita a barriga da mulher e quando é curado, a barriga apresenta o aspecto normal, pois quando a “mãe do corpo” esta afetando a saúde da mulher, a parte abdominal apresenta-se profunda nessa região. A mãe do corpo é similar a uma teia de aranha que se espalha na região do útero e proximidades, e assim, provoca fortes dores na mulher. Só volta ao normal se a benzedeira colocar no lugar o que está espalhado e ingerir o remédio caseiro.

Nessas situações não adianta ir ao hospital, pois recebem apenas um tratamento para amenizar suas mazelas, mas não são curados, devendo procurar uma benzedeira. O caso da “*madri*” (Mãe do corpo) é esse grande exemplo, cujo nome é porque anda pelo corpo, pela parte da barriga e especialmente no útero da mulher, um vento que se espalha e que na maioria das vezes faz o útero afastar-se para fora; em outros casos encostam na coluna ou sobre o estômago, podendo levar a morte. Aparece em mulheres com ou sem filhos e com certa idade. Somente a benzedeira (o) pode curar, e no ato da cura eles acessam outra divindade, como a Nossa Senhora do Bom Parto.

Quando espalha, o pulso da mulher não fica normal, começa a acelerar e pode até matar. A doença da mãe do corpo é perigosa, deve-se tomar muito cuidado por-

Doença	Causa	Sintomas	Cura
Madri ou Mãe do corpo	Não se alimenta adequadamente; não respeitar o resguardo	Dores, febre, vomito, mal estar, prisão de ventre.	Benzimento, chá e massagens

que também pode ir parar no coração, como casos de mulheres que faleceram dessa forma no Rio Negro. Isso faz com que as mães passem a informação do perigo para suas filhas, a fim de prevenir tal enfermidade, como conta Eunice Salgado quando sua mãe falava que quem tivesse filhos não era para deixarem de se alimentarem, pelo menos um pouco, pois a mulher não é mais como jovem, a veia pode arrebentar. Porém, Langdon (2010, pg. 176) diz que “Não só o que comer é determinado de maneira particular pela cultura, mas também quando comer também é”. A mulher que sofre de mãe do corpo não pode comer enlatado, porque a dor aumenta, fazendo mal. Se as mulheres souberem quando é mãe do corpo, elas dizem ‘aí eu no vou pro hospital não, no adianta, eles aplicam calmante, depois volta tudo de novo”.

Os sintomas são mal estar, dor no estômago, prisão de ventre. Quando está avançada a doente sente dor de cabeça, febre, vômito e muita dor, se não tomar remédio caseiro a dor não passa. Quando não está tão inflamada a cura pode ser sem benzimento, apenas a benzedeira ajeitando, puxando, fazendo massagens, tomando chá. Se estiver muito avançado a cura é somente com benzimento.

5. O poder da planta na cura da “mãe do corpo”

Penso eu que se existe uma doença, então existe um remédio. O poder das plantas é cura, ajuda a fortalecer o organismo da pessoa doente no local onde está sentindo dor, por exemplo, mãe do corpo. Porém, deve ser a erva medicinal apropriada para a doença que se pretende tratar, porque se a pessoa fizer um chá errado à tendência é piorar a doença, porque deve ajeitar a mãe do corpo e tomar o remédio certo. Para cada doença corresponde uma qualidade de remédio, na mata existem muitos remédios, mas é preciso identificar quais são as plantas de uso terapêutico, há vários conhecedores na região desses remédios. Conforme Santos (2000, pg. 926), na Amazônia as plantas de uso medicinal “representam um importante ponto de encontro entre permanências e rupturas culturais, permitindo a observação de diferentes tradições de uso”.

Galvão (1955, pg.119) “A farmacopia local faz, praticamente, uso de todas as ervas e plantas que se conhecem nas redondezas, combinadas sob as mais diferentes formulas: os métodos de aplicação constituem-se de “chás”, banhos e defumações”. Os benzedores Baré indicam chá para tomarem durante e após o tratamento da doença para assim ajudar na cura, as plantas geralmente são encontradas no mato e a pessoa que é conhecedora vai ao local buscar a planta medicinal.

A benzedeira Virgínea Baré que atua frequente em doenças que atacam mulheres como a madre, diz que faz chá de *Panquile*, algodão roxo, o que tiver presente no momento. Diz também que tem *Araru* que é uma folha muito eficaz; Morta Paridá e Algodão roxo são plantas eficazes, porque quando a mulher ganha bebê e toma o chá de uma dessas plantas, seu útero fica limpo.

Conclusões

Na região do Alto Rio Negro, os sinais são diversos, porém entre nós os Baré, sempre acontecem de o olho tremer, pois é certo que a pessoa irá chorar, ficar triste, algo do tipo e quando a costa começa a tremer significa que a pessoa irá adoecer. O benzimento ainda prevalece presente nas famílias Baré, mesmo com o avanço da medicina ocidental e, ainda assim, acreditamos em nossos benzedores e nas plantas medicinais. Os mais velhos sentem a preocupação em relação à transmissão, pois devemos incentivar as nossas crianças a não deixarem de procurar e acreditar em nossos conhecimentos tradicionais.

A importância do sonho para os Baré é o ponto chave, pois o sonho se torna um aviso. Quando a pessoa tem um sonho ruim, pode ser um aviso de doença que está perto da pessoa. Isso não é só para o doente, mas também para o benzedor que através do sonho desvenda os mistérios da doença, tais como quem as causou e por que. Avisa a chegada futura de determinada pessoa e o que os leva até o benzedor, sendo o sonho de suma importância para ambas as partes. O benzimento está presente em toda parte da vida do Baré, desde o seu nascimento, rito de passagem até a sua morte, pois o benzimento previne e cura.

Dessa forma, o sistema de atenção a saúde das mulheres indígenas Baré deve ser considerado como um sistema cultural e não pode ser analisadas de forma isolada das demais dimensões da vida social. As enfermidades curadas pelas benzedeiras se configuram como perturbações que atingem não apenas o corpo, a esfera física, mas estão relacionadas a questões sociais, psicológicas e/ou espirituais que afetam o cotidiano. Enquanto a Medicina científica se concentra nos aspectos biológicos do processo saúde-doença, o benzimento ocupa-se de perturbações que desequilibram a vida das pessoas e que podem ser causadas por diversas coisas, aproximando-se mais da forma subjetiva, como as pessoas vivenciam o processo saúde-doença. Além disso, a eficácia do benzimento está estreitamente relacionada ao modo como as pessoas percebem a saúde e a doença.

REFERÊNCIAS

- EVANS-PRITCHARD, E.E. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro, Jorge tradução Eduardo Viveiro de Castro. 2005
- FRAZER, Sir James George. **O ramo de ouro**. Zahar Editores, 1982.
- GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens um estudo da vida religiosa em Itá: Amazonas**. Editora Nacional São Paulo. 1955
- GALLOIS, Dominique Tilkin. “xamanismo waiãpi: nos caminhos invisíveis, a *relação i-paie*”. In: Langdon, E.Jean Matteson (org). **Xamanismo no Brasil: Novas perspectivas**. USP. 1996
- LANGDON, Esther Jean. **Antropologia, saúde e doença: uma introdução ao conceito de cultura aplicado as ciências da saúde**. Revista Latino-AM. Enfermagem. 2010
- _____. **Cultura e os processos de saúde doença**. In: JEOLÁS, L. S.; OLIVEIRA, M.2003. **Anais do seminário sobre cultura, saúde e doença**. Londrina: PNUD/CIPSI, 2003.p.91-107.
- LASMAR, Cristiane. **De Volta ao Lado do Leite- Gênero e Transformação no Alto Rio Negro**. São Paulo: Editora UNESP: ISA; Rio de Janeiro: NUTI, 2005.
- LEVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro. 2003
- MONTARDO, Deise Lucy Oliveira. **Através do “Mbaraka : música e xamanismo guarani**. São Paulo, 2002.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Esboço de cosmologia Yawalapíti; In _____.**
A consciência da alma selvagem – e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac e Naif, 2002a. p. 25-85
- WAWZYNIAK, João Valentin. **Assombro de olhada de bixo: Uma etnografia das concepções e ações em saúde entre ribeirinhos do baixo rio tapajós, Pará-**. São Carlos; UFScar, 2008.

